

AS HISTÓRIAS LOCAIS TRANSFORMADAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS - HQS NA SALA DE AULA

*The Local Stories Transformed into Comic Books -
Comics in the Classroom*

Denis de Olivera Silva¹
Manoel Ferreira Falcão²

Resumo: A construção de Histórias em Quadrinhos – HQs, retratando as histórias locais da comunidade, se deu no processo de diálogos com as histórias vividas dos sujeitos da comunidade do Mato Grosso, no Assentamento Agrícola de Vila Amazônia – Parintins/Amazonas, as quais foram construídas pelas crianças do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal São Francisco, através de um Projeto de Extensão realizado por meio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. Este artigo tem como objetivo demonstrar as Histórias em Quadrinhos – HQs construídas pelos estudantes, através do conhecimento de histórias locais da Comunidade do Assentamento Agrícola. Nesse processo os estudantes foram os autores destas histórias, para que as histórias locais fossem valorizadas, os professores sentissem a importância dessas histórias no processo de aprendizagem e percebessem a importância das memórias individuais e coletivas na construção sócio-histórica da localidade, tendo como caráter de tipo Qualitativo em educação (SANDÍN ESTEBAN, 2010), como método a Fenomenologia (CERBONE, 2012). No decorrer da realização do projeto, percebemos as diferentes histórias vividas e construídas pelas pessoas que moram na comunidade do Mato Grosso, bem como as diversidades da formação da comunidade em relação ao Assentamento. Esta atividade de extensão ajudou no processo de ensino e aprendizagem das crianças do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, na importância de os próprios comunitários valorizarem suas histórias de vida com o local em que moram e a escola se aproximou da comunidade, relacionando saber cotidiano com o saber da escola. As crianças aprenderam a relacionar as histórias sociais locais com o conhecimento escolar, puderam valorizar o desenho e a criação de HQs, a partir do sócio-histórico dos sujeitos da comunidade, bem como compreenderam a leitura como um exercício prazeroso e a escrita como uma prática que deve ser constante em suas vidas.

Palavras-chave: História em Quadrinhos – HQs. Histórias locais. Escola de Assentamento.

1 Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, Docente, Instituto Federal do Amazonas, *Campus* Parintins – IFAM/CPIN. denis89pin@gmail.com

2 Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Docente, Instituto Federal do Amazonas – IFAM/CPIN. manoel.ferreira@ifam.edu.br

Abstract: *The construction of Comic Books, portraying the local community histories took place in the process of dialogues of lived stories of the people of community Mato Grosso, in the Agricultural Settlement of Amazon Village-Parintins/Amazonas. They were built by the children of the 4th and 5th years of the Elementary School of São Francisco Municipal School, through an Extension Project carried out by the Institute of Education, Science and Technology of Amazonas - IFAM. This article aims to demonstrate the Comic Books done by the students, through the knowledge of local histories of the Agricultural Settlement Community. In this process, the students were the authors of these stories, so the histories were valued and the teachers felt the importance of the learning process and perceived the importance of individual and collective memories in the socio-historical construction of the place. The research has Qualitative type in education (SANDÍN ESTEBAN, 2010), as method the Phenomenology (CERBONE, 2012). During the realization of the project, we perceive the different stories lived and built by the people who live in the community of Mato Grosso, as well as the diversity of the formation of the community in relation to the settlement. This extension activity helped in the teaching and learning process of the fourth and fifth grade elementary school children, as well as in the importance of the community members appreciate their life histories with the place where they live and the school approached the community, relating everyday knowledge with the school. The children learned to relate local social histories to school knowledge, as well as understood the reading process as pleasurable exercise and the writing skill as a practice that must be constant in their lives.*

Keywords: *Comic Books. Local Histories. Settlement school.*

INTRODUÇÃO

As construções sócio-históricas das comunidades do Assentamento estão nas memórias dos comunitários mais velhos que moram no local e registradas por meio de fotos, documentos, jornais da época, mas que muitas vezes são desconhecidas das crianças. A História em Quadrinhos – HQs ajuda no processo de aprendizagem das crianças sobre as histórias locais que envolvem os alunos e seus familiares.

Neste artigo, a construção de Histórias em Quadrinhos – HQs se deu no processo de diálogo com as histórias vividas dos sujeitos da comunidade do Mato Grosso no Assentamento Agrícola de Vila Amazônia – Parintins/Amazonas. A construção foi realizada pelas crianças do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal São Francisco, através de um Projeto de Extensão realizado por meio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM, que possuiu como objetivo construir Histórias em Quadrinhos – HQs a partir de histórias locais da Comunidade do Mato Grosso no Assentamento Agrícola de Vila Amazônia. Como objetivos específicos tivemos: a) identificação das histórias locais por meio de várias fontes orais, documentais; b) compartilhamento destas histórias com as crianças; c) criação de HQs sobre as histórias locais. Como métodos de realização deste projeto de extensão utilizamos o caráter Qualitativo em educação (SANDÍN ESTABAN, 2010), o qual é realizado no próprio local de realização das atividades escolares e humanas dos sujeitos participantes. Como método a Fenomenologia (CERBONE, 2012), busca descortinar o que não é visível no primeiro olhar, mas numa relação de processual o fenômeno vai se tornando visível. Nesse processo os estudantes foram os autores destas histórias, para que as histórias locais fossem conhecidas e

valorizadas, como também os professores sentissem a importância dessas histórias no processo de aprendizagem e percebessem o valor das memórias individuais e coletivas na construção sócio-histórica da localidade, para a inserção deste tipo de trabalho na sala de aula de maneira interdisciplinar.

O Assentamento Agrícola de Vila Amazônia, no Município de Parintins no Estado do Amazonas, iniciou-se na década 70 e 80 com discussões de formação de registro da localidade como terra Federal, na qual foi diferente de vários assentamentos no Brasil, porque já existiam pessoas que viviam na extensão de terra que se tornou Assentamento, onde muitos comunitários imaginavam ser donos da terra, mas na verdade as terras foram vendidas ao governo da época, como propriedade privada para se tornar o que conhecemos hoje.

Nesse processo de vida o local vai se modificando através da ação humana, tornando o viver na comunidade do Mato Grosso notório por meio dos rostos, jeitos, identidades dos sujeitos viventes no local, das diferentes maneiras de construir a própria cultura, que muitas vezes, na escola passa despercebida essa relação comunidade e escola.

Este artigo tem como objetivo demonstrar as Histórias em Quadrinhos – HQs construídas pelos estudantes, através do conhecimento de histórias locais da Comunidade do Assentamento Agrícola. Para isso, divide-se em dois tópicos:

- Histórias vividas, representadas em histórias em quadrinhos – HQs; e
- As histórias em quadrinhos como recurso de leitura e escrita.

Esse tipo de ação na sala de aula, por meio das HQs, auxilia na aprendizagem da criança, pois sensibiliza-as ao cotidiano da comunidade, tornando-se mediador do conhecimento comunitário com o escolar.

HISTÓRIAS VIVIDAS, REPRESENTADAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS – HQs

O assentamento da Gleba de Vila Amazônia, localizado no Município de Parintins no Estado do Amazonas, iniciou-se no processo de Reforma Agrária na década de 1980, composto de inúmeras comunidades, sendo um dos maiores na Amazônia (MEDEIROS, 2013), onde essas comunidades já existiam antes do Assentamento, ou seja, as pessoas, as comunidades já estavam na extensão de terra.

São histórias, memórias, relações sociais existentes nas comunidades do assentamento que desmitificam a lógica que os governos das décadas de 70 e 80 do século XX tinham sobre a Amazônia, uma terra sem homens que precisava ser habitada para adentrar ao progresso do país.

As práticas sociais presentes no assentamento são construídas no mundo vivido pelos sujeitos, aprendidas no cotidiano do lugar, como o manusear uma canoa no lago, utilizando as forças do braço para remar para chegar à escola e voltar para casa ou para se deslocar para outras localidades, ou, ainda a pescaria realizada nos lagos, o peixe capturado servindo como meio de alimentação, comercialização e meio de troca com outros produtos, a luta pela terra - o que acontece com frequência em um localidade nas quais muitos querem se apossar das terras dos comunitários, o plantio de mandioca para fazer o tucupi, a farinha, produtos produzidos pelas pessoas que moram na comunidade, que servem para comercializar.

As comunidades no mês de junho realizam festas juninas. Elas possuem bois de pano, com histórias místicas do surgimento e existência do mesmo, como as histórias sociais que auxiliam na construção das comunidades de assentamento na Amazônia.

Medeiros (2013) diz que os estilos das casas demonstram as manifestações da ação do ser humano no processo histórico, junto com os saberes tradicionais. Assinala também que as casas são de madeiras, com frestas na parede para que durante o dia a parte interna não fique *quente*, expressão utilizada nesses espaços para dizer que a temperatura está alta.

A escola poderia aproveitar mais os saberes advindos da comunidade do Mato Grosso, para que o estudante perceba as relações dos conhecimentos construídos no lugar onde vive, construções socioeducacionais em que a escola pode se apropriar como recurso didático de ensino.

Nesse sentido, as HQs são como recurso didático, para utilização na sala de aula, construídas pelos estudantes. Merleau-Ponty (2004) nos ajuda a compreender a importância da percepção do próprio mundo de vida. Diz que o mundo vivido são ações praticadas pelo sujeito através dos sentidos, dos quais percebe no transcorrer diante de si de um mundo em construção, que existe a partir da sensibilidade e inteligibilidade social e individual, em que a ciência tentou retirar, transformando-a em saber absoluto e verdadeiro.

“Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3).

A escola pode se situar em aprender as histórias locais, através da ação dos professores em articular as histórias do lugar com o ensino escolarizado, articulado com as experiências do estudante, como aponta Merleau-Ponty, através do transcorrer do ser humano no mundo.

Compreendemos que a escola pode ser um dos meios de incentivo para a prática de expressões culturais dos que vivem em terras de assentamento, de lutar para

que os sujeitos valorizem mais os saberes tradicionais, trazendo para as aulas os conhecimentos existentes na comunidade. Um desses conhecimentos seriam as histórias sócio históricas do próprio local de vida, relacionando as histórias do país e do mundo.

Desafio que os professores possuem na práxis no momento de trabalhar temas que sejam significativos para a vida dos estudantes a partir das histórias locais, como aponta Caldart (2004), possam desconstruir a visão em que a escola é apenas como um prédio de repassagem dos conteúdos distantes da existência dos estudantes, em que a criança frequente para aprender a ler e escrever, mas que não se vê como sujeito da construção da escola e do mundo em que vive. A escola precisa estar numa relação íntima com a comunidade em que está inserida, com a realidade que as crianças trazem para dentro das salas de aula, como assinala Caldart (2004), o trabalho na escola do Assentamento precisa ser uma relação com:

O trabalho na terra, que acompanha o dia-dia do processo que faz de uma semente uma planta e da planta um alimento, ensina de um jeito muito próprio que as coisas não nascem prontas, mas, sim, que precisam ser cultivadas; são as mãos do camponês, da camponesa, as que podem lavrar a terra para que chegue a produzir o pão. Este também é um jeito de compreender que o mundo está para ser feito e que a realidade pode ser transformada, desde que se esteja aberto para que ela mesma diga a seus sujeitos como fazer isto, assim como a terra vai mostrando ao lavrador como precisa ser trabalhada para ser produtiva.

Nossa escola pode ajudar a perceber a historicidade do cultivo da terra e da sociedade [...] (CALDART, 2004, p.101).

O saber tradicional aprendido na convivência comunitária é o conhecimento que faz o estudante se ver como ser humano em um mundo que está a sua volta e têm as

possibilidades de aprendê-lo na convivência com os mais velhos e pela percepção que vão possuindo sobre o lugar onde moram.

As relações de construção social na Amazônia se realizam entre o sensível e o inteligível. Ações representadas nas comunidades nas expressões culturais, que juntam o que existe com o imaginário, no qual se transformam em práticas de respeito, medo, coragem, libertação, e que por meio dos estudantes adentram o espaço formal da escola, presentes nas falas, nas suas ações, tornando-se significativas no viver e perceber sobre qualquer coisa na comunidade.

A escola não pode ser um lugar que a comunidade veja como mais um lugar que não faz a diferença para a existência social, as atividades, os saberes contidos nas memórias sociais, não podem passar despercebidas no construir educação em práticas de ensino e aprendizagem na sala de aula, como assinala Caldart (2004), seja uma relação construtora coletiva, do ser humano no próprio ambiente de vida.

Olhar a escola como um lugar de formação humana significa dar-se conta de que todos os detalhes que compõem o seu dia-a-dia, estão vinculados a um projeto de ser humano, estão ajudando a humanizar ou a desumanizar as pessoas. Quando os educadores se assumem como trabalhadores do humano, formadores de sujeito, muito mais do que apenas professores de conteúdos de alguma disciplina, compreendem a importância de discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que tipo de ser humano estão ajudando a produzir e a cultivar. Da mesma forma, as famílias passam a compreender por que não podem deixar de participar da escola e de tomar decisões sobre seu funcionamento.

Trata-se de enxergar a educação, afinal, como uma relação entre sujeitos (CALDART, 2004, p. 120).

O reaprender a ver o fazer em que a comunidade vive pode ser um dos aspectos que a escola pode visualizar como meios de aprendizagem para o estudante, como o próprio local em que estão situados. O local possui histórias, cheias de significâncias sociais, que influenciam no fazer presente do dia a dia, em que a criança aprende por meio das práticas visualizadas, percebidas no agir dos pais, avós, amigos.

O conhecimento por meio das narrativas, documentos, imagens, vivências e experiências sobre o local em que moram são meios pelos quais os estudantes podem construir o saber dentro da escola, tornando-a significativa para suas vidas. Assim, as histórias em quadrinhos são meios pelos quais a criança aprende brincando a partir do que gosta, aproveitando os desenhos que assistem na televisão, que surgem muitas vezes por meio das HQs, trazendo para a sala de aula como um recurso didático, em que trabalhar a leitura visual e escrita dos estudantes, levando-os além de leitores, através da construção das histórias da comunidade em que vivem, demonstrando o sócio histórico do lugar de vida, sabendo se identificar nesse local de luta pela terra, pela sobrevivência, demonstrando-as a partir do desenho, da narrativa, da construção do gênero textual das quais serão criadores do que aprendem na vivência na comunidade, assim relacionando-as com os conhecimentos aprendidos em sala de aula. Na qual o professor possui para sua práxis um recurso didático que são as histórias em quadrinhos, construídas pelos estudantes, representando a história do local de vida em diálogo com os saberes ensinados em sala de aula.

As Histórias em Quadrinhos - HQs possuem um grande potencial para serem trabalhadas na sala de aula, apesar de pouco utilizadas pelos professores, seja por falta de tempo, excessiva carga horária semanal, falta de materiais, grande quantidade de textos

para corrigir, por falta de vontade de trabalhar de maneira diferenciada com os estudantes, são inúmeros os fatores que podem impedir o professor trabalhar com as HQs nas suas aulas.

A utilização de Histórias em Quadrinhos no ensino nas escolas é realizada com tímidas abordagens, assim como os professores do Assentamento possuem dificuldades na práxis na sala de aula em trabalhar a história local, articulando-a com a macro história do Brasil, para que os sujeitos que fazem parte da escola, reflitam sobre suas próprias histórias no local onde vivem, sendo os construtores do processo de ensino-aprendizagem.

As Histórias em Quadrinhos por muito tempo foram negadas no espaço escolar, por serem vistas como má influência aos alunos, como no início do século XX, quando foram criados no Brasil as primeiras Histórias em Quadrinhos (SANTOS; VERGUEIRO, 2012). Após muito tempo das primeiras tiragens as escolas brasileiras começam a utilizar algumas histórias em quadrinhos na sala de aula. Mas, houve muitas represálias de educadores da época contra esse tipo de material na escola.

Aqui no Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, porque eles traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças” (CARVALHO, 2006, p. 32, Apud SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 82).

Os Hábitos que os educadores da época tinham medo de serem internalizados pelos alunos. Mas com o tempo esse tipo de hostilidade foi diminuindo.

Nesse sentido, a relação do desenho feito pelas crianças e não valorizado muitas vezes

na escola, nos despertou para inserção de HQs nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que trabalham a história local, para que isso despertasse o interesse da criança, surgindo as HQs como recurso didático para trabalhar nas escolas do Assentamento, neste artigo especificamente na Comunidade Mato Grosso.

Apartir disso, trabalhamos as construções sócio-histórica da Comunidade Mato Grosso do Assentamento Agrícola de Vila Amazônia, demonstrando suas histórias sociais. Como aponta Medeiros (2013, p.3).

Com a Reforma Agrária, os posseiros passam a ser pequenos proprietários de terras e outras situações emergem tais como a titulação das terras, pagamentos de impostos (ITR), demarcação de terras, políticas públicas de infraestrutura na região, tais como a construção de estradas, distribuição de energia (com o programa federal "Luz para Todos"), o acesso ao crédito rural e mais recentemente a ampla disseminação de políticas assistencialistas como o bolsa-família.

A transformação das histórias do Assentamento deu ao professor a possibilidade de realizar a práxis docente a partir do local de vida do estudante, na qual percebemos na citação acima as relações do local como o tipo de desenvolvimento em que o Brasil passava. Colocá-las em formato de histórias em quadrinhos faz com que o estudante tenha vontade, preocupações em ler, em conhecer as histórias do local em que vive, relacionando-as com as histórias macros.

Através de memórias coletivas e individuais apontadas por Pollak (1989) como:

Em vários momentos; Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais: "Para que nossa memória se beneficie da dos outros,

não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum" (POLLAK, 1989, p. 4).

As relações entre a memória coletiva e individuais dão essência à construção e registro das histórias das localidades, nas quais apareceram na construção das histórias em quadrinhos, a partir daqueles que vivem no Assentamento.

O professor possui mais esse gênero textual que o possibilita trabalhar com a criatividade dos estudantes, alternativa de tornar as aulas mais prazerosas tanto para os estudantes quanto para o próprio docente. As HQs possuem o caráter alternativo de tornar a leitura mais atraente, interessante no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

Assim, o professor trabalhando em sala de aula com esse material explora a criatividade do estudante, para que depois crie sua própria história através da escrita e desenhos, composição necessária para construir as HQs em que o docente incentive o estudante a criar a prática de construir, registrar o que aconteceu no cotidiano. Identifique com o estudante as diferentes formas das histórias em quadrinhos, como aponta Santos e Vergueiro (2012, p. 85):

Os formatos das histórias em quadrinhos também influenciam na maneira como elas podem ser lidas. As tiras de quadrinhos, normalmente humorísticas, desenvolvem uma história curta apresentada em uma ou, no máximo, seis vinhetas. Há uma situação inicial e uma reversão das expectativas do leitor (presente no texto ou na imagem), gerando o efeito cômico. Já os quadrinhos publicados em revistas, álbuns ou livros ocupam um espaço maior (de uma a centenas de

páginas) e apresentam uma narrativa mais complexa. A leitura de uma página de quadrinhos também é um exercício de percepção mais apurada. Embora boa parte das histórias apresente uma estrutura mais tradicional, em que um quadrinho segue o outro horizontalmente e de cima para baixo, há histórias que são diagramadas de maneira diferente, forçando o leitor a descobrir a sequência certa de imagens e textos.

Dessa maneira, o estudante percebe que até mesmo as HQs possuem diferentes maneiras de escritas e desenhos.

O estudante cria uma prática de reescrever seus textos, compreendendo que isso é uma atividade de constante construção, que possibilita a ele contar o mundo em que vive, histórias que fazem o sujeito amazônida viver no ambiente.

Esse tipo de abordagem ajuda o estudante a compreender o local em que vive, relacionar com outros lugares, com outras histórias, pois se sentirá sujeito do processo e que através da escrita construirá histórias reais ou imaginárias, escrevendo o que pensa, sente e vive.

As atividades de ensino e aprendizagem envolve o estudante no sentido de construir, pesquisar o próprio local, demonstrando para as crianças de maneira significativa que o amazônida é o sujeito da construção da Amazônia, por meio de lutas, educações que são criadas para viver nesses locais espalhados em comunidades.

No limite, é possível afirmar que a Amazônia e suas populações têm sido os informantes mais recorrentes das oportunidades de pesquisa, além de serem os grupos mais atingidos diretamente em situações originadas de experimentos de desenvolvimento regional (FREITAS, 2009. p. 16).

Os amazônidas são os atingidos por políticas desenvolvimentistas como o slogan

anunciava: “Integrar para não entregar”, para preencher um suposto vazio demográfico, na qual viviam pessoas construindo um Assentamento em que os sujeitos já estavam nas terras.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO DE LEITURA E ESCRITA

A prática de ensino e aprendizagem de construções de HQs com as crianças da comunidade do Mato Grosso no Assentamento de Vila Amazônia foi um processo de apresentação, prática de leitura, incentivo ao desenho, orientação para transformar os desenhos em histórias e posteriormente em história em quadrinhos.

As crianças do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental da escola não possuíam contato com as HQs e poucas possuíam práticas de leituras em casa. A inserção das HQs na vida delas foi um processo de conquista para todos os envolvidos neste processo. Os alunos perceberam que há diferentes formas de leitura em uma simples história, sendo permitido a invenção de suas próprias, indo além de leitores para serem os próprios construtores de suas histórias, assim como do lugar em que vivem.

A apresentação das HQs, se deu no primeiro encontro com as crianças por meio de uma roda de conversa em que todos tiveram a oportunidade de participar. Envolvermos a leitura de diferentes HQs e as crianças puderam ler, tocar as revistas, num mundo de imaginações, criatividade que se abriam diante de seus olhos.

As crianças do 4º e 5º anos não possuem a prática de leitura desse tipo de texto. Quando apresentamos a elas as HQs percebemos que um mundo estava sendo descoberto por elas e embora conhecessem vários personagens destas histórias, conheceram diferentes histórias, como a importância da escrita como

a construção dos desenhos, os personagens, o contexto, o ambiente em que se passava a história, sendo cada detalhe fundamental nesse tipo de texto.

No momento inicial que tivemos com as crianças, elas puderam conhecer uma outra maneira de estudar em coletivo, contribuição essa que os professores das turmas podem inserir as HQs em diferentes disciplinas e no decorrer do ano letivo.

Esse tipo de metodologia de ensino com HQs ajuda a criança ser praticante de leitura e interpretação textual, desconstruindo a percepção que muitas possuem que a escola é um lugar chato e que a leitura é algo maçante, mas um processo que dá prazer, como o compartilhar o que cada um leu com o colega.

As HQs na sala de aula tem o poder de transformar o que as crianças assistem nos desenhos da televisão, como os filmes que assistem em leitura em sala de aula que os faz construir conhecimento de maneira coletiva por meio de orientação com o professor e com o que acontece na comunidade em que vivem.

A figura1, abaixo representa esse momento de leitura e compartilhamento coletivo do que foi lido e aprendido na HQs que estava em suas mãos.

Figura 1: Leitura em duplas na sala de aula das Histórias em Quadrinhos-HQs.



Fonte: Próprio autor, 2017.

As crianças levaram para casa as HQs para que pudessem ler, observar, e imaginar elas próprias construindo as suas histórias. Após esse contato, fizemos com que elas compartilhassem as HQs que haviam lido com a turma. Este foi um momento singular para elas, pois, as crianças não têm a prática de construir pensamentos reflexivos a partir de suas próprias falas.

Pertencer ao ambiente de vida, perpassa na vontade de viver naquele local, como também transformar esse local de maneira ética, compromissada com o coletivo, tendo a percepção de que o ser humano está no mundo como parte dele, entendendo que não é superior a nada. Seja uma constante para que:

O espírito humano se abre ao mundo. A abertura ao mundo revela-se pela curiosidade, pelo questionamento, pela exploração, pela investigação, pela paixão de conhecer. Manifesta-se pela estética, pela emoção, pela sensibilidade, pelo encantamento diante do nascer e do pôr do sol, da lua, da avalanche das ondas, das nuvens, das montanhas, dos abismos, da beleza dos enfeites naturais dos animais, do canto dos pássaros; e essas emoções vivas estimularão a cantar, desenhar, pintar. Incitar a todos os começos. O espírito humano se sentirá estimulado pela sua pertença ao mundo; de um lado, há o sentimento de estranheza em relação a esse mundo; de outro, o correspondente a nosso estatuto de filhos do cosmo, estrangeiros no cosmo (MORIN, 2012, p. 40).

A relação de pertença ao mundo e ao mesmo tempo o sentimento de estranheza. Relação essa que as crianças que vivem na comunidade do Mato Grosso no Assentamento de Vila Amazônia precisam ter e sentir que pertencem ao lugar como estranhá-lo, para que olhem a comunidade como um lugar em construção sócio-histórica. Assim, busquem constantemente o processo

histórico da comunidade, para que seja mais significativo para cada ser humano que vive no Assentamento.

Em outro momento, pedimos que as histórias em quadrinhos lidas fossem representadas por elas por meio de construções de HQs.

Figura 2: Criança desenhando a sua História em Quadrinhos – HQs.



Fonte: Próprio autor, 2017.

O processo de representar o que leu nas HQs em sala de aula foi construído através de diálogos coletivo em que cada estudante ou dupla compartilhava as leituras que realizaram, após isso ensinamos como são construídas.

A figura 2 representa este momento mencionado. Quando iniciamos o projeto as crianças não conseguiam perceber que as imagens e os cotidianos possuem informações que são importantes para o aprendizado em sala de aula.

A construção de histórias em quadrinhos foi o conhecimento delas, o que seria HQs. Em seguida, tiveram a oportunidade de construir suas próprias HQs. Depois escreveram redação a partir das histórias de cada família na comunidade.

Na figura 2 a criança está construindo uma HQs, criando a história que quiser, partindo das orientações em sala de aula, dialogando com o que leu na HQs, para que desperte o senso crítico como leitor que concorda e discorda do texto lido. Como Vergueiro aponta as relações entre os códigos, são essenciais o visual e o verbal.

Em primeiro lugar, nota-se que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude. Alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm na linguagem pictórica a sua fonte de transmissão. A grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos. Assim, a análise separada de cada um deles obedece a uma necessidade puramente didática, pois, dentro do ambiente das HQs, eles não podem ser pensados separadamente (VERGUEIRO, 2014, p. 31).

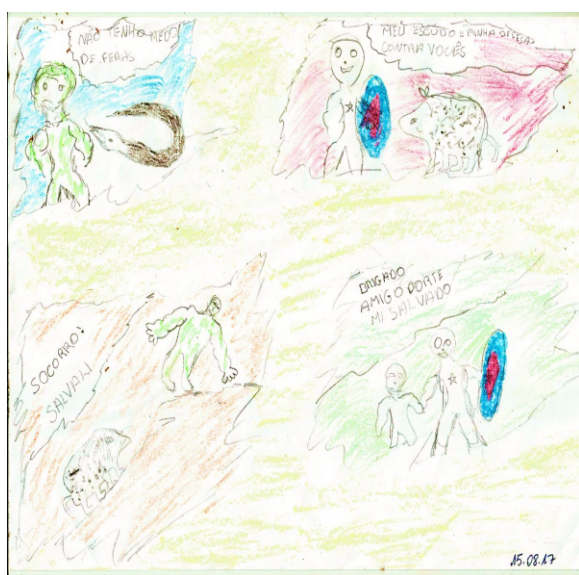
Após as crianças terminarem as construções de suas HQs, fizemos uma roda de conversa para apresentação de cada criação. Foi um momento rico e de aprendizado tanto para as crianças como para os professores das turmas, quando foi possível compreender que as crianças possuem autoria e devem ser estimuladas a serem autoras de histórias como as que construíram, bem como passar a responsabilidade a elas pela criação de diferentes gêneros textuais.

A figura 3 representa o momento da relação de um personagem das HQs, com a vida do estudante, demonstrando a experiência em andar na floresta, estar correndo perigo e aparecer o super-herói para salvá-lo. Construções de escrita e

desenho como essa dão a possibilidade do estudante ser criativo e perceber que pode ser autor, criador e principalmente valorizar suas experiências.

No mesmo encontro pedimos que as crianças construíssem Histórias em Quadrinhos representando a vida delas e da família na comunidade. Nestas histórias encontramos as peculiaridades do lugar, o que faz o lugar existir socialmente.

Figura 3: Desenho representativo do lido nas HQs com a realidade da criança.



Fonte: Próprio autor, 2017.

Na figura 3, temos uma das construções de HQs por uma criança da comunidade do Mato Grosso. No primeiro quadro à esquerda, encontramos um jovem com uma cobra, que no diálogo no balão diz: *"não tenho medo de feras"*; No outro quadro encontramos a representação do Capitão América enfrentando outro animal, em que o personagem diz: *"meu escudo é minha defesa contra vocês"*; A seguir, um jovem encontra-se em perigo na floresta, sendo atacado por um javali, e no último quadrinho aparece o Capitão América onde o jovem o agradece: *"obrigado, amigo por ter me salvado"*.

Esse tipo de atividade em sala de aula leva a criança a perceber-se capaz de construir as

diversas histórias a partir de sua criatividade, a se transformar em um ser pensante, reflexivo no seu processo de construção enquanto ser humano. A relação de empatia pelo outro na história em quadrinho demonstrada na figura 3, aponta que o professor não precisa trazer apenas as histórias do livro didático, mas aproveitar esse tipo de atividade como ponte para o ensino interdisciplinar.

O diálogo retratado entre os personagens da figura 3 demonstra o processo de criação da criança, como o local em que ela vive, embora coloque nomes de animais que não existem no local em que mora, como o javali, mas são representações do imaginário com a realidade, processo cheio de potencial para uma educação que nasça no ambiente de vida e se relacione com o resto do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com HQs na educação não é tarefa fácil. Na tentativa de inserção na sala de aula, percebemos muitas desconfianças de muitos profissionais tanto no próprio instituto como na escola em que foi trabalhado o projeto. Parece-nos que esse tipo de metodologia no pensamento de muitos profissionais da educação não trará nenhum benefício para o ensino e aprendizagem das crianças, mas através de estudos e de profissionais que trabalham este tipo de gênero textual em sala de aula, foi possível por meio desse auxílio na construção deste projeto de extensão na escola de São Francisco na Comunidade Mato Grosso no Assentamento de Vila Amazônia.

Este artigo demonstrou que as HQs em sala de aula são um grande aliado para a aprendizagem de diferentes disciplinas na escola, e, principalmente, trabalhar a criatividade do estudante na construção de códigos como a imagem e a linguagem escrita, auxiliando o estudante a aprender sobre seu próprio local de vida, ajudando a

escola a interagir com a comunidade e com os sujeitos que vivem nela.

O processo de trabalho com HQs nas escolas do Assentamento deve ser uma atividade metodológica cotidiana, realizada por meio de constantes diálogos entre as instituições escolares e as comunidades nas quais os sujeitos e pais das crianças participam de maneira direta desse tipo de metodologia, em que os professores aproveitem esse tipo de prática nas aulas e que os estudantes criem, registrem, pesquisem o próprio local em que vivem, relacionando-os com as histórias macros do Brasil e do Mundo.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. A escola do Campo em movimento. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). *Por uma educação do Campo*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CERBONE, David R. *Fenomenologia*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. Os amazônidas contam sua história: territórios, povos e populações. In: SHERER, Elenise; OLIVEIRA, Aldemir de (Orgs.). *Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MEDEIROS, Mônica Xavier. Memórias, histórias e reforma agrária em Vila Amazônia (Parintins/AM). *Anais do VII Encontro Regional sul de História oral*. História e a integração Latino-americana, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. *Fenomenologia da percepção*. – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. 5ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p.3-15, jun. 1989.

SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz. *Pesquisa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS*, São Paulo, n. 27, p. 81-95. jan./abr. 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”. In: _____ (org). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 2014. p. 31-64.